

Lendo *Da visão e do enigma**

Gilvan Fogel**

Resumo: Uma leitura de *Da Visão e do Enigma*, em *Assim Falava Zaratustra*, parte III. O destino (história) do homem (Zaratustra) como um destino (história) de dor – a dor que é a vida, enquanto limite, finitude. Dor maior, porém, é a da revolta contra a dor, i.é., a história do homem doente do homem (Ocidente, Europa), do *espírito de vingança* – o humanismo greco-cristão e sua insistente reivindicação de infinito, ilimitado, eternidade, substancialidade (Deus). Ação de *hybris*, sanha-melancolia. Superação do homem e assunção de dor – limite, finitude.

Palavras chaves: homem – vida – dor – revolta – espírito de vingança

Comentário do § 1

1. Agora, percorrida a *Introdução*, estamos melhor equipados para ler *Da Visão e do Enigma*. E isso porque sabemos ou, talvez, entrevemos, agora, “o que vai no coração do viandante”, do errante, isto é, do homem ocidental que, a bordo de seu programa histó-

* O presente texto é um fragmento. Ele faz parte de um ensaio maior, que pretende ser uma leitura/interpretação mais detalhada, mais cuidadosa, de *Da Visão e do Enigma*, em *Assim Falava Zaratustra*, III. A este fragmento precede uma *Introdução* preparatória, a qual é aludida, logo na abertura. Portanto, esta é sua suposição. A forma, carregando esta suposição, foi contudo mantida, na certeza que ela não compromete basicamente a inteligibilidade do que vai dito. Como se verá, o texto que segue ocupa-se tão-só com o § 1 do referido discurso do *Zaratustra*.

** Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

rico, cumpre sua viagem, sua peregrinação, quer dizer, sua estória (acontecer, suceder, devir) de *homem doente do homem*.

Este homem, todo furor – ora todo desmedido entusiasmo, ora todo inveja, ciúme, tristeza, amuo, amargura, *acedia*, nostalgia, ira, ódio – este homem, pois, que é todo o repertório das variações e das modulações de *sanha*, de *hybris*, de algum modo e exageradamente compactadas na designação *melancolia*, enfim, este homem configura a grande dor, perfaz a dor-homem ou, o que é a mesma coisa, o “homem-dor” (*der Menschen-Schmerz*). O inquieto, mais, o desesperado *coração humano*. O discurso, intitulado *Da visão e do Enigma*, fala da experiência dessa dor, de sua superação ou atravessamento (*Verwindung*). A fala do discurso faz-se, pois, no permeio desse *humor*, dessa *experiência* de dor. Nisso, dentro disso, *através* disso é preciso ver o que o discurso descreve. Nisso, *através* disso dá-se sua visão e seu enigma. E que visão é essa? Que enigma?!

Dissemos: dor, *essa* dor perfaz a substância, o tecido do coração do homem, isto é, no discurso, do coração de *Zaratustra*. E, lembremos: “Do que está cheio o coração, fala a boca”! Mas perguntase: Como fala seu coração? E o texto nos responde: entrando, afundando no abismo, que é essa dor, e à medida que, assim afundando, cuidadosamente, põe-se à escuta, à sua escuta e ausculta.

Com tal escuta ou ausculta, começa a fala de *Da Visão e do Enigma*, que vai dividida em duas partes, numeradas 1 e 2. O §1 é ainda um preâmbulo, uma preparação para o grande anúncio, para a grande *visão*, que se faz no §2. “Grande”, aqui, está dizendo: mais compacto, mais intenso, mais radical – enfim, mais *evidente* ou *essencial*.

2. Vamos à leitura. *Da Visão e do Enigma* assim se abre:

Tão logo entre os tripulantes se soube que Zaratustra estava a bordo – pois um homem, vindo das ilhas bem-aventuradas, subira com ele

para o navio – houve grande curiosidade e expectativa. Mas Zaratustra guardou silêncio durante dois dias, frio e surdo de tristeza, a tal ponto que não respondia nem a olhares nem a perguntas. Na noite do segundo dia, contudo, tornou a abrir os ouvidos, se bem que ainda se mantivesse calado: porque havia muita coisa estranha e perigosa para ouvir-se, nesse navio, que vinha de longe e rumava para ainda mais longe. Mas Zaratustra era amigo de todos os que empreendem longas viagens e não gostam de viver sem perigo. E eis que o escutar soltou-lhe a língua, rompendo o gelo de seu coração; então, começou a falar assim: (...). (Cf. Za/ZA III, “Da Visão e do Enigma”).¹

A viagem, portanto, é o movimento, a dinâmica de exposição do programa histórico do Ocidente, a saber, a vontade de infinito e, nela, a vontade de substância, que inclui a vontade de reforma, de correção e, por fim, de substituição da realidade, da vida. A viagem é a história do espírito de vingança, também e sobretudo marcada pela revolta contra a dor, o que, no desenrolar da história, revelar-se-á como sendo a grande, *a maior dor*. Pois bem, nessa viagem, a bordo desse programa, embarcado nessa *nave*, Zaratustra, isto é, o homem ocidental, a certa altura silenciosa, fez-se “frio e surdo de tristeza, a tal ponto que não respondia nem a olhares, nem a perguntas”.

Ele rende-se à tristeza, à melancolia que coage, que comprime, que oprime e que assim subjuga e faz *afundar*. Ele *afunda*, quer dizer, ele é jogado cada vez mais para o fundo, em movimento crescente de a-pro-fundamento na tristeza, na melancolia – na e da dor. O jugo, a coerção é tal que ele se torna “frio e surdo”, isto é, como se estivesse ou se fizesse apático, indiferente, *fechado*, sim, paralisado, *inerte*. E isso é movimento, é viagem, é vida – a vida da tristeza coercitiva, enquanto a destinação do programa-infinito.

A verdade é que, assim *fechado*, assim coagido, assim como que apoderado e mineralizado por dor e na dor, ele, o homem, vai

se centrando e se concentrando cada vez mais na dor que ele é – a revolta, sobretudo! – e assim vai crescentemente descendo, afundando no próprio abismo, isto é, no fundo ou fundamento da dor que, vimos, é o abismo, o a-bysso, o sem-fundo. Aqui, nesta hora, a viagem se faz, paradoxalmente, *uma escalada na e da descida*, no e do a-profundamento no fundo sem fundo, no e do abissal.

Decisivo, porém, é que esta escalada de descida no fundo sem fundo da dor, no abissal, é *todo um tempo de escuta*. Por isso, na verdade, ele *aparenta* estar surdo, fechado, inerte. Ele está, sim, surdo, fechado a tudo que é *fora*, estranho à radicalidade desse destino de dor – a esta descida na dor. Estranho, surdo e fechado, portanto, a toda e qualquer solicitação marginal, desviante, desorientadora da própria necessidade. E ele assim se faz para ser todo escuta no que é e se faz desde dentro, no e desde o próprio. *Ele é todo escuta de dor, do destino de dor.*

Escuta?! Mas que é escuta? Como? Em *Ecce Homo*, Nietzsche disse: “O *Zaratustra* é o renascimento da arte do ouvir. Um pressuposto para ele” (EH/EH, “Assim Falava Zaratustra”).

Com certeza, em questão *não está* o aparelho auditivo, a neurofisiologia da audição, impressões sonoras, representações no córtex cerebral, nervos aferentes e eferentes, sinapses, etc., etc... Escuta, aqui, é algo mais vago (!), menos preciso... Escuta, aqui, é o nome da concentração na coerção da dor; é o nome do recolhimento e do consentimento nesse movimento de descida ao fundo e que revela: “Cume e abismo estão reunidos em um”; escuta é o nome do aquiescimento nessa dinâmica, que assim se impõe como *estória* (devir) de dor. Enfim, escuta é o nome da concentração, do recolhimento e do assentimento na necessidade. É, pois, *o b e d i ê n c i a*. É na escuta, é nesse recolhimento, *que é doação e exposição à coisa*, isto é, à dor, que se fazem doação e exposição à transcendência, uma vez que o homem se faz abertura e aquiescimento a

este acontecimento transcendente, que lhe sobrevem e lhe acomete, a saber, a dor.

É ainda na escuta, como escuta e desde escuta que acontece outro fenômeno de decisiva importância transfiguradora: é aí e assim que se faz *corpo* (*Leib*). De novo, não corpo *físico*, físico-químico, neurobiológico, mas a intensidade vital (vida, *Leben*), que não é intelecto ou razão, que não é consciência ou sujeito da representação, mas que, enquanto esta doação e exposição à coisa, portanto, enquanto toda intensidade vital na participação, é o que o texto chama também *coração*. “Coração”, ouçamos “*Thimós*”, “vitalidade” – mesmo “*Mut*” e “*Gemut*” (i.é, *coragem*, *ânimo*), tal como veremos adiante. É a frieza, o gelo, a rigidez desse coração, desse corpo, que será quebrada, rompida, superada na escuta, desde a escuta.

“Na noite do segundo dia, contudo, tornou a abrir os ouvidos, se bem que ainda se mantivesse calado: porque havia muita coisa estranha e perigosa para ouvir-se nesse navio, que vinha de longe e rumava para mais longe ainda”, uma vez que o rumo desse navio é o rumo, quer dizer, o destino da *estória* (acontecer, devir) do homem. É este que vem de longe e que vai para mais longe ainda e é este destino que está marcado e entremeadado por muitas “coisas”, muitos acontecimentos, explícitos ou velados, que muito precisam ser ouvidos, auscultados, para que, em tal auscultação, mostre-se, faça-se visível, e então mais necessário ainda, o próprio destino, a própria *estória*.

Zaratustra, o viajante interessado e partícipe desse destino à medida que o pensa, isto é, à medida que se empenha por *entrar* na vida dessa *estória*, “é amigo”, quer dizer, é próximo, é afeiçoado ou consangüíneo com todos aqueles que igualmente estão a bordo e que igualmente são viajantes, mas principalmente amigo, consangüíneo, não daqueles que vão a bordo como se fossem mercadoria, isto é, tonel, fardo ou outra coisa qualquer, mas, sim,

daqueles que são ou estão interessados e partícipes em tal viagem, em tal *destinação estórica*, em tal vida ou existência também na escuta, desde e como escuta. São estes que “não gostariam de viver sem perigo”, pois é para estes e só para estes que se revela, que “viver é muito perigoso”, quer dizer, que viver, ser estorrialmente (sob a forma e a lei de devir) é, a cada passo, *decidir* o que será, em indo ao encontro do que *precisa* ser – isso é destino. Desse modo cumpre-se real viagem, quer dizer, real cumprimento de experiência, de envio estórico.

Assim, nessa determinação e esforço de escuta, por fim, “o escutar solta-lhe a língua e rompe-se o gelo de seu coração”. Língua solta, gelo rompido, ele fala, *pode* falar, isto é, dizer, mostrar, tornar visível. Será esta a fala, o discurso de sua visão em escuta, desde escuta, *por causa da* ou *graças à* escuta.

A escuta, mais, a ausculta (o texto fala de “*zuhören*”) solta, ou seja, desamarra, desata, libera ou liberta a língua, a fala, o discurso. A fala, agora, se faz como dizer ou mostrar isso que se revela e assim se impõe na escuta. Na escuta, *isto é*, na *obediência*. A fala, agora, é obediência de obediência e assim e por isso o coração degela, se revitaliza, se faz realmente o que ele é, a saber, vida, pulso, cadência. Vida é o pulsar, o cadenciar-se de escuta, de obediência. A escuta de dor, que é o fundo da vida: “Quanto mais fundo o homem olha na vida, tanto mais fundo ele olha também na dor”.

É decisivo observar-se, que em última, isto é, em primeiríssima instância, *a viagem o é de dor. É na dor que o homem é passageiro*. É a bordo da dor que ele está, que ele é. É embarcado na dor, no navio-dor, que ele ruma e faz estória, perfaz seu destino. Repitamos: a viagem o é de dor e o homem, encarnado em Zaratustra, é o lugar, a hora, o elemento desta viagem, desta travessia, melhor, deste atravessamento ou perpassamento. É nessa viagem, assim em escuta e obediência à necessidade de dor, que se faz a superação (*Überwindung*), melhor, o *perpassamento* (*Verwindung*) de dor, quer

dizer, da dor-homem, enfim, do homem. Superação, atravessamento não diz largar, abandonar, deixar de lado, mas justamente atravessar, perpassar. O que é isso e o que acontece então?! ... O fato é que, mais uma vez, é nesse atravessamento, nesse perpassamento como e desde escuta, que é preciso entender-se a *dimensão corpo* (*Leib*) como lugar, hora, ou elemento da vida (*Leben*). Aqui, assim, corpo (*Leib*) e vida (*Leben*) dizem o mesmo. E é porque a viagem o é de dor e porque o homem, em escuta, aí é seu passageiro, que ele, o homem, se faz aberto à transcendência. Dor é a transcendência da vida, na qual o homem está, a qual ele é. É assim e por isso, graças a isso, que seus ouvidos se abrem e que sua língua se solta, se liberta. Não fosse assim e “descer à dor”, ao fundo da dor, seria heroísmo (voluntarismo) e bazófia do sujeito, do “homem”.

Assim transformado, assim transfigurado desde essa escuta, é que ele, o homem, começa a falar. Começa a discursar, ou seja, a mostrar e fazer ver a “visão do mais solitário”. Ele diz:

[3] *A vós, intrépidos buscadores e tentadores de mundos por descobrir, e quem quer que algum dia, com astuciosas velas, se embarcasse por mares temerosos –*

A vós, os ébrios de enigmas, os amigos do lusco-fusco, cuja alma é atraída com flautas para todo o enganoso sorvedouro –

Pois não quereis, apalpando-o com mão covarde, seguir um fio que vos guiê e, onde podeis adivinhar, detestais inferir –

A vós somente conto o enigma que eu vi – a visão do mais solitário (Za/ZA, “Da visão e do Enigma”, § 1).

O homem, o viajante, o errante, começa ratificando sua já fala-da pertença, sua amizade ou consangüinidade com aqueles que são interessados e partícipes na viagem, na estória, a saber, os que buscam, arriscam, aventuram-se nas fendas e meandros desse devir errante e, assim e por isso, são os atraídos, os *seduzidos* e embria-

gados por enigmas, na verdade, os que se alegram do lusco-fusco, isto é, os que se comprazem também com o ambíguo e o obscuro dessa proveniência e dessa destinação estórica e, desse modo, são levados, “seduzidos” para caminhos, sendas errantes, que podem se tornar goelas, gargantas, sorvedouros. Este viajante, o homem comprometido decisivamente com seu próprio destino, se diz um amigo, um consangüíneo daqueles que “*não* querem tatear um fio com mão covarde e [que] onde podem *adivinhar* não querem *inferir*” – O que quer dizer isso?

O homem chamado e, então, movido pelo fazer-se de caminho, o homem pro-movido por *experiência*, ou seja, marcado por *escuta* e, então, por *corpo* – “a grande razão”, diz Zaratustra – pois bem, *este* homem não suporta, melhor, não concede ou transige em seguir o fio condutor do silogismo, da dedução lógico-formal, enfim, ao ditame do intelecto, da “razão” – isto é, da “pequena razão”, ainda segundo Zaratustra, em *Dos Desprezadores do Corpo*. Isso, a saber, o fio condutor da razão, da *ratio* (o *fio* da causalidade, a conexão antecedente-conseqüente, causa-efeito), é “mão covarde”, porque não se lança, não se propõe a agarrar aquilo que se dá em escuta e somente na e desde a escuta. “Covarde” porque não obedece ao que precisa ser: o ouvir, o auscultar. “Mão covarde” é pensamento covarde, ou seja, *nenhum pensamento*, à medida que prefere, quer dizer, privilegia concluir, inferir, deduzir lógico-formalmente e, assim e por essa via, caminhar tirando “conclusões lógicas”, conseqüentes ou consistentes. Pequena razão!

Não, o homem de experiência, de escuta e de obediência, onde *pode adivinhar* (*erraten*), detesta *inferir* (*erschliessen*). “Adivinhar” (*erraten*), aqui, é seguir, obedecer à fala ou conselho (*Rat*) da escuta, isto é, da experiência, do corpo. *É isso que lhe concede o poder, o direito de adivinhar*. Ele segue, sim, um fio, um caminho, mas o fio ou o caminho da escuta, do corpo – “sob o fio condutor do corpo” mais do que um título, é um imperativo do pensamento de Nietzsche

e o imperativo de acompanhamento deste destino, desta estória de dor. Isso, a saber, obedecer à fala ou ao conselho de escuta – *isso é realmente pensar*. Pois é por este caminho que é possível pôr-se à altura das próprias coisas – mais uma vez, *isso é pensar!* – ou seja, meditar, *besinnen*, que é *entrar* no sentido da própria coisa e assim participar dele e, por isso, poder dizê-la, mostrá-la ou fazê-la visível nela mesma e desde ela mesma. Isso é realmente dizer com fundamento *in re* (pois “coisa”, a “coisa” é sua escuta, o que se mostra ou se dá na escuta!), quer dizer, falar ou dizer a partir do pôr-se e impor-se da própria coisa – no nosso caso, aqui, agora, a dor – e assim evidenciá-la, torná-la visível. Zaratustra, o homem de caminho, de experiência de dor, está falando: *amo*, isto é, *quero*, isto é, acolho e obedeço aquele e somente aquele que se dispõe a fazer caminho e só desde ou a partir de caminho fala, faz, *vê* – enfim, *pensa*. Este é o *método*. Só sabe quem faz, co-faz. Este, só este realmente vê. Só este tem, só para este *pode* dar-se “a visão do mais só, do mais solitário”.

“Só”, “solitário” não está falando do ensimesmamento mórbido, da introspecção doentia, do encasulamento subjetivista, do isolamento intimista, choroso, meloso, com ecos de romantismo lamuriento. O só, o solitário, aqui, o é do e desde o *caminho* próprio, do e desde o próprio fazer, perfazer. É o só da tarefa própria ou da ação intransferível, que ao longo de sua realização vai cunhando uma identidade – sim, um próprio. “Só”, então, fala daquele que, por esta via, desse modo, cresce e se faz *um*, *uno*, quer dizer, íntegro, coeso – como “o coração inabalável da verdade”...

E isso se torna *o mais só*, *o mais solitário*, quando este fazer ou esta tarefa é decididamente o caminho de dor, pois dor corta, separa, isola, quer dizer, faz ficar irremediavelmente só e todo um, no sentido que evidencia o impartilhável, o intransferível de dor. Dor en-so-zinha (!), singulariza – torna uno e indivisível. E este *mais só* é igualmente *mais* porque *esta* dor, ou seja, a dor do homem que faz o caminho, a estória do *homem doente do homem*, é a dor mais

radical, mais enraizadamente dor, a dor que dói em todo doer, seja na unha encravada, no calo; seja no luto, na amargura; seja no ódio. Trata-se da dor-homem ou do homem-dor – “*der Menschen-Schmerz*”, diz o texto. Esta é a dor que é o próprio ser e viver irremediavelmente no finito, no limitado, no pouco, portanto, a dor que é existir, ser homem. Aquele que faz até o fim *este* caminho *desta* dor, aquele que afunda até o fundo sem fundo (abisso) *desta* dor – este *vê*, para este se dá a *visão*, que é também *enigma*. Enigma, aqui, não está se referindo a nada escondido, recôndito, subterrâneo, mas fala do que se faz e do que se dá (se mostra) necessariamente – súbita e abissalmente, quer dizer, *gratuitamente*, ou seja, sem porquê, sem para quê, sem de onde, sem para onde. *Sem sentido – e este será t o d o o sentido!* É só o que é e desse modo impõe-se inexoravelmente. Assim é o limite, que é a dor, a dor-homem. É no fim, na cumulação desse caminho, que “cume e abismo se reúnem em um”: o mais fundo e o mais alto, mais elevado; o mais raiz, o mais radical e o mais sublime; o mais *terra*, mais humano e o mais *céu*, mais divino; o mais pesado e o mais diáfano – são um só e mesmo limiar, uma só linha de consangüinidade. O instante. Aí, sobretudo aí, o mais só, o mais solitário.

Há que ouvir a fala do mais solitário – “as mãos do mais solitário erram menos”, disse Rilke –, assim co-fazer o caminho e então, sim, compartilhar da visão. O compartilhar de quem co-faz – só quem faz sabe, *vê!*

E o mais só, o mais solitário fala:

[4] *Sombrio, eu caminhava, recentemente, no lívido crepúsculo – sombrio e crispado, mordendo os lábios. Não apenas um sol se havia posto para mim.*

Uma senda, que subia obstinada por entre pedras, uma senda má, solitária, sem mais o consolo nem de ervas nem de arbustos, uma senda alpestre rangia sob a obstinação de meu pé.

Avançando silencioso sobre o escarminho rangido do cascalho, pisando em seixos que o faziam escorregar; assim forçava-se meu pé a subir (Za/ZA III, “Da visão e do Enigma”, § 1).

A fala é uma recordação. Recordação de percurso, de viagem, de peregrinação num ermo, num deserto. A fala relembra a aspereza, a dureza do caminho. Subida íngreme – caminho pedregoso, duro, difícil, puxando para trás. É crepúsculo, fim de dia, poente, (O)cidente e de “cores cadavéricas” – “*leichen farbne*”. A caminhada se faz com lábios crispados, mordidos. Talvez, rangendo dentes. Não está excluído, em alguma hora, convulsão, espasmo – sim, ira. E ele diz: “Não apenas *u m* sol se havia posto para mim”. Na verdade, era tão sombrio, tão inóspito, tão só, que é como se *t o d o s* os sóis se tivessem posto... Todos os dias desfeitos – noite, noite, só noite. Sol, sóis?! O que é sol? (cf. FW/GC § 125).

Sol evoca luz, calor, força, vida – centro (de gravitação, de atração), núcleo. O sol está para a Terra, para a vida, tal como Deus, a *metafísica*, para a tradição cristã-ocidental, para o humanismo greco-cristão. Deus, igualmente, diz centro de gravitação, de atração, núcleo, *substância*, fundamento, princípio, causa, *causa prima*. E assim ele evoca assentamento, segurança, estabilidade – substancialidade. A caminhada do “homem doente do homem” – o humanismo greco-cristão – é a caminhada, a estória de crescimento e também do esvaziamento de Deus. A estória e o tempo da *morte de Deus*. “Deus está morto” – aqui começa e aqui acaba a experiência do pensamento de Nietzsche, pensamento este, que, por esta via, está decidido a trazer à tona a “história velada da filosofia”, isto é, do Ocidente, da Europa. Este pensamento fala, mostra o ocidente do Ocidente.

Quando *este* sol (=Deus) se põe, é mais do que *um só* sol, pois, na verdade, são *todos* os sóis. Todos se desfazem, esvaziam-se, quer dizer, todas as forças, todos os vetores, todos os sentidos – todos os

valores. O Deus do Ocidente são muitos deuses, quer dizer, são todas as formas, todos os modos possíveis da metafísica, do projeto metafísico (= vontade de infinito, de substância) se concretizar ou estoricamente, isto é, em acontecer e devir, se realizar.

Todo e cada *valor* é Deus, que por ele, nele, *como* ele fala e se expõe, isto é, se realiza, se concretiza. O mais só, o mais solitário é também o mais sem Deus, o mais ateu – o mais sem chão, sem terra firme. Deus, a metafísica, *é compaixão pelo homem*. Mais, *é autocomiseração*. E o mais só não se compadece sobretudo de si mesmo. Nisso, a saber, de ser o mais só, ele não se *economiza*. Quer dizer, ele se dá à coisa, ao caminho. Assim, a caminhada do mais só, do mais solitário – do sem Deus, do ateu – é andança, peregrinação no escuro, na noite, *sem sol*.

Tal como ele recorda, ele vai frio, lívido, *cadavérico*. O caminho é senda, trilha pedrenta, pedregosa, árida, quase intransitável, sem o consolo ou o conforto de uma erva, de um arbusto – sem nenhuma insinuação ou promessa de *verde*, isto é, de vida. Subida, ascensão insistente e penosa. Viela. “Porta estreita”! Só passa, só entra quem faz! Quer dizer, faz o caminho que, de algum modo, é fazer o fazer! Secura, aridez, ermo, deserto. Deserto é sempre lugar e hora de solidão; imensidão, uniformidade, monotonia – lugar e hora em que o espírito, a força ou a *têmpera* de um homem é posta à prova. Aqui, principalmente aqui, o imperativo é não *pensar* (isto é, refletir, inferir, considerar, ponderar, avaliar), mas *resistir*, *suportar* – superar, atravessar, perpassar, ou seja, *über-winden*, *ver-winden*. Há que ser, sim, camelo, muito camelo! Assim é o caminho, o percurso, a *estória* de dor.

No caminho áspero, na subida cheia de cascalho, que rola sob os pés e assim puxa de volta, para trás e para baixo – nessa penosa escalada o pé “impelia, coagia (“*also zwang mein Fuss sich aufwärts*”, diz o texto), obrigava a subir”, quer dizer, aquele que faz a escalada impõe-se, obriga-se a si próprio, faz crescer desde si mesmo esta

imposição de subida, de escalada, ou seja, de subida e de escalada aos píncaros da dor – da vida, da existência. Nada de *fora*, de estranho ao próprio caminho obriga, coage ou impõe isso, mas a *hora* é de imposição, de obrigação, de *coação* de si (homem) para si (homem). Isso, só isso, aqui, agora, se revela como brio, amor próprio. Em questão está conquista de próprio, de identidade, de liberdade – a liberdade de ser o que é, o que *precisa* ser. Então: subir, subir, para o alto, para o alto! ...

Ouçamos a seqüência:

[5] ... *assim forçava-se meu pé a subir.*

A subir – a despeito do espírito que o puxava para baixo, para o abismo, o espírito de gravidade, o meu demônio e mortal inimigo.

A subir – muito embora ele tivesse sentado nas minhas costas, meio anão, meio toupeira; aleijado, aleijador; pingando chumbo em meus ouvidos e pensamentos como gotas de chumbo no meu cérebro (Za/ZA III, “Da Visão e do Enigma”, § 1).

Subir! Subir! Elevar-se. Para o alto! Para o alto! Crescer, quer dizer, intensificar-se, essencializar-se. Há uma hora em que vida *parece* ser ou precisar ser irrevogavelmente isso – só isso.

Mas eis que entra o “espírito de gravidade”, isto é, *do peso* (*Geist der Schwere*), demônio e mortal inimigo de Zaratustra, quer dizer, do homem empenhado em conquistar sua humanidade. Portanto, demônio e mortal inimigo da vida.

E o que é o “espírito do peso”? *Schwer*, dizendo “pesado”, diz também *difícil, duro, áspero, penoso* – pesado, porque difícil; difícil, porque pesado. Estranha e paradoxalmente é uma espécie de *categoria* da vida, da existência, e que *conspira* contra a própria vida. Mais adiante, no § 2 de *Da Visão e do Enigma*, sob a forma de anão, o espírito do peso terá lugar e papel decisivos. Ainda na terceira parte do *Zaratustra*, encontramos um discurso, intitulado

“*Vom Geist der Schwere*” – “Do Espírito do Peso” –, onde esta categoria é tematizada. Grosso modo, o espírito do peso fala da tristeza, da melancolia, e toma a vida e a Terra, isto é, o finito, o limitado, por *pesados demais*, isto é, pesados ou difíceis *demais* para carregar, suportar. Uma carga que seria sobrecarga.

Este espírito do peso aparece como demônio e mortal inimigo, inimigo figadal, proto- ou arqui-inimigo (“*Todfeind, Erzfeind, Urfeind*”), porque vida, em hora decisiva, parece ser crescimento, intensificação, floração, emergência, quer dizer, um irromper, aparecer, *expor-se* e vir à luz. Mas, tal como o demônio na fala do *Fausto*, de Goethe, que é “o espírito (= força) que diz sempre *não!*”, o espírito do peso nega, recusa, puxa para baixo, amolece o ânimo, entorpece – pingando, gota a gota, chumbo nos pensamentos, nos propósitos, na ação, enfim, no *ânimo*, na força vital. É este o seu lado “anão”, “toupeira”, ou seja, seu lado cavernoso, subterrâneo, de forças obscuras e, sim, conspiradoras... “Aleijado, aleijador”, diz a tradução citada. A palavra, em alemão, é *lahm, lähmend*, talvez, aqui, mais precisamente, *lahm* diga paralítico, sem forças, então, lerdo, letárgico. Neste sentido, portanto, paralizante. Embotador, paralizador da vida, de seus impulsos ou tendências de ser para fora, para cima, para o alto: *crescimento*.

Descartes fala da tormenta deste espírito demoníaco. É no final da primeira meditação, após ter posto em prática todo o esforço de catarse, de purificação, de libertação das “opiniões recebidas”, portanto, em pleno jogo de vida ascendente, crescente, em floração de sinceridade ou de autenticidade – e, nisso, esforço, empenho, *trabalho*. Pois aí, justo aí, Descartes viu-sentiu verticalmente a força e o poder do “espírito do peso”, que ele denominou “*une certaine paresse*” – sim, a preguiça, este terrível demônio!! –, “que insensivelmente me arrasta de volta para o curso da vida ordinária”, isto é, puxa para baixo, para trás, de volta para o hábito e, neste sentido, o lerdo, o torpe, o inerte. E Descartes faz a comparação: “E,

assim como o escravo que gozava de uma liberdade imaginária, quando começa a suspeitar de que sua liberdade é apenas um sonho, teme ser despertado e *conspira* (!) com estas ilusões agradáveis para ser mais longamente enganado, assim também eu re-caio insensivelmente de mim mesmo [i.é, do próprio ou do autêntico da tensão, da atenção!] em minhas anteriores opiniões e *evito* (!) despertar dessa sonolência, desse torpor...”², isto é, o espírito, a força da preguiça que *conspira* com o sono e com a mentira para continuar sonhando e continuar na doce mentira, na ilusão e no conforto da sonolência, do torpor, “*de cet assoupissement*”, diz o texto francês.

Sim, o espírito do peso *conspira* contra a vida! Ele procura dissuadir, amolecer o ânimo, portanto, desencorajar, des-animar. Como bom anão, isto é, filho de vermes que roíam o cadáver de um gigante³, portanto, como bom anão, o espírito do peso solapa, rói, rói, rói! Corrói! Roer, corroer é o seu ofício... E ele, isto é, esta forma, esta estrutura ou *categoria* da vida faz isso porque, tudo indica, fazer, empenhar-se, esforçar-se é ruim...! Logo, “*ergo*”, não fazer, ceder à preguiça, à inércia, ao torpor, à letargia é o mais fácil – “melhor”!

O torpor, a inércia, parecem melhores, quer dizer, mais cômodos, mais confortáveis do que o empenho, o esforço, o trabalho ... Este é maldito! O espírito do peso é, sim, constitutivo da vida (não fora assim e ele não seria uma *categoria*), mas é ele, é *isso* que precisa, que precisará sempre ser também superado, ultrapassado...

De maneira mais incisiva, quer dizer, psicologicamente mais perspicaz, o espírito do peso estará falando da *compaixão* – a compaixão da vida ou do homem por ela ou por ele mesmo. Ele fala, então, de auto-compaixão, de auto-comiseração. E a compaixão é a maneira, a forma inoportuna, quer dizer, inadequada, falsa, in-essencial do homem se relacionar, se medir com dor. Ela não deixa dor ser dor... Ela é incapaz de ver – e deixar ser! – na dor o princípio aristocrático, essencialmente humano, da distância e da solidão.

Mas vejamos a continuação do texto.

[6] ‘Ó Zaratustra’, cochichava, zombeteiro, pronunciando sílaba por sílaba, ‘ó pedra da sabedoria! Arremessaste-te para o alto, mas toda a pedra arremessada precisa – cair!’

Ó Zaratustra, pedra da sabedoria, pedra de funda, destroçador de estrelas!

A ti mesmo arremessaste tão alto; mas toda pedra arremessada – precisa cair!

Condenado a ti mesmo e ao teu próprio apedrejamento, ó Zaratustra, bem longe, sim, arremessaste a pedra – mas é sobre ti que ela cairá de volta’ (Za/ZA, “Da Visão e do Enigma”, § 1).

Lembremos e observemos: há que ouvir nesse diálogo de Zaratustra com o espírito do peso um diálogo da vida com a vida, fazendo vir à tona algo de essencial – a saber, vida como ascensão, emergência, crescimento, intensificação e a puxada para baixo, a conspiração da vida contra a vida, a *de-cadência*. Como todo grande pensamento, como toda autêntica filosofia, no olhar de Platão, é um diálogo de *Psyché* (vida) com *Psyché* (vida).

A fala do espírito do peso revela como se faz e a que se refere seu trabalho de saporador, seu ofício de roer. Sua fala é soprada, “cochichada”, sussurrada, ciciada. É assim que sua fala se faz mais insinuante. Ela é medida, pesada, sopesada – gotejada, quer dizer, vai gota a gota instilando o veneno, a dissuasão, o entorpecimento. Seu *ar*, seu olhar é, por um lado, sarcástico, sardônico – *höhnisch*. Por outro, é, sim, adulator. Ele começa se referindo a Zaratustra como “pedra da sabedoria”. Isso é elogioso, gratificante – aí a adulação! Por outro lado, na mesma fala, com o mesmo *tom*, através do mesmo discurso ele corrompe, entorpece, amolece o ânimo – isso é astúcia. Demoníaca astúcia!

“Pedra da sabedoria”! Pedra é coisa firme, sólida, sobre a qual se constrói, se ergue algo igualmente sólido – por exemplo, um saber, uma sabedoria radical ou fundamental, que é o que, no caminho do mais só, do mais solitário, se mostra como sendo o saber do fundo sem fundo da dor, da vida. É um saber que é como “pedra angular”, isto é, aquela que, por exemplo, na construção de um arco, de uma ogiva ou de uma abóbada, que vai se erguendo toda escorada, ela é a última a entrar, *a se encaixar*, mas se mostra sendo a primeira e a fundamental, uma vez que esta, retirado todo o escoramento, se mostra ser aquela que tudo ata, junta, conecta, compõe, amarra – *suporta*. Vê-se que, se ela for retirada, tudo se abala, tudo se compromete e a obra vem toda abaixo. Assim é a “pedra da sabedoria” ou o saber conquistado pelo homem doente do homem na sua caminhada de atravessamento da dor, da dor-homem, que, de novo e sempre, é o caminho do mais só, do mais solitário.

Este saber é ainda chamado “pedra de funda”, isto é, de arremesso, de lançamento, ou seja, de *impulsão da vida* e, tal como a lança ou o arco, de vida e de morte. Saber, portanto, que se lança e que assim lança, arremessa, projeta o homem e, desse modo, decide a hora e o lugar do viver, pois vida é o jogo de lançar-se, arremeter-se, projetar-se, *crescendo, intensificando-se*, refazendo-se e revigorando-se desde e como recordação e lembrança e, por isso, na alteração ou na diferenciação, assim cumprindo o jogo de sua auto-superação.

Esta pedra, este saber, é dito, é “destroçador de estrelas”. No céu da vida, as estrelas, os pontos luminosos e mostradores ou balizadores de seu percurso, de sua estória ou devir, são os *valores*. No caminho de auto-superação do homem doente do homem, isto é, do homem movido e promovido pelo espírito de vingança, então, pela vontade de infinito e de substância e desde aí a vontade de

correção, de reforma e de *substituição* da vida finita, da existência pouca — neste caminho de auto-fazer-se do saber radical, do polir-se da pedra da sabedoria, *velhos valores*, isto é, as forças postas e propostas pelo espírito de vingança, e assim promovedoras, impulsionadoras da doença-homem, do homem doente do homem, pois bem, estes *velhos valores*, estas “estrelas”, no caminho e a caminho, são destroçados(as), quer dizer, ultrapassados, superados.

É possível que Zaratustra, o fazedor e conquistador de caminho, se sinta lisonjeado ao ser chamado “pedra da sabedoria”, “pedra de funda”, “destroçador de estrelas”. Mas ... Vem aí uma rasteira da conspiração ...

Perversamente, insidiosamente, demoníacamente – o demônio “é o espírito que sempre diz *não!*” – ele, o espírito do peso, gotejando e sussurrando, diz: “Arremessaste-te para o alto, mas toda pedra arremessada *precisa* – cair!” A pausa mais longa, indicada pelo travessão, é perversa. Terrível força de persuasão é a introdução do silêncio! E isso vai fazer-se um refrão. Três vezes isso se repete. É para não se perder, é para ir sendo lentamente verrumado e, desse modo, convencer, persuadir, no caso, minar o ânimo, solapar a vontade, a determinação – desfazer, corroer, enfim, dissuadir.

Por um lado, com este “toda pedra arremessada *precisa* – cair!” está sendo dito: ‘Para que esforço?! Para que realização, conquista – se tudo se desfaz?! Tudo que sobe – cai!! Tudo que se faz – desfaz-se!! Ora, por que, para que fazer?! Em vão! Inútil! Não, não faça! Não vale a pena. É em vão.’ É assim que o espírito do peso puxa para baixo, ‘sapeia’ – des-encoraja, des-anima!

Na verdade, mais fundamentado, o que está em questão é a vida se compadecendo de si mesma, se *economizando*, sendo avara consigo mesma. Dito de outro modo: é a vida *conspirando* contra ela própria, sob a forma da *autocomiseração*. A compaixão é a maneira menor, mais baixa de se relacionar com dor. O espírito do peso é também e sobretudo compaixão – o “Deus da compaixão”! Ele é a

compaixão do homem pelo homem. Mas talvez se possa, talvez se deva perguntar, ainda que deixando a pergunta abandonada a ela própria: por que *economizar*, para que avareza com o que é dom, doação, sobra, transbordamento, superabundância?! ...

O texto, na voz do espírito do peso, diz haver ainda um motivo *maior* para *não* fazer. Ele diz que, em arremessando tão longe e tão alto a pedra, isto é, em se lançando tão funda e tão profundamente num saber tão radical, ele, Zaratustra (o homem!), o conquistador desse caminho e desse saber, “se arremessou a si mesmo tão alto”, assim “se condenou a si mesmo a seu próprio apedrejamento” e conclui: “É sobre *t i* mesmo que a pedra cairá de volta!” E isso seria, mais uma vez e com razão mais forte, motivo para *não* fazer: ‘Não, não faça, pois você mesmo é sua própria e maior vítima!’

Mas que vítima? Que apedrejamento é esse? O que, como e por que a conquista se volta sobre o próprio homem do caminho, do esforço, enfim, sobre o próprio conquistador, realizador?

Na vida, que é estória, isto é, devir, suceder ou acontecer, todo fazer, melhor, todo feito (passado) repercute sobre o próprio fazer (presente) e *a fazer* (futuro). Toda ação ecoa e ressoa no próprio agir, no próprio fazer. É assim que vida, se fazendo sempre como caminho de auto-realização, de auto-conquista (este é sempre o caminho de dor), faz de quem vive, de quem *decide*, lançar-se nisso ou nisso, aqui e agora, o lugar de ressonância do próprio viver, sobretudo do próprio viver próprio, quer dizer, eco e ressonância do caminho conquistado desde si próprio ou da atividade que se auto-sustenta. É desse modo que o viver, o existir, é assumir e reassumir o vivido no por-viver, o sido no por-ser ou por-*vir*, o passado no futuro, na futuração, que é “o sagrado direito da vida”. Esta dinâmica perfaz o jogo da vida, que é o jogo de auto-superação, ou seja, na e como alteração (i.é, *vir a ser outro!*) ou na diferenciação, é a vida crescendo, isto é, *intensificando-se* e evidenciando-se ou iluminando-se na e como decisão, quer dizer, cindindo-se, separando-se

do vivido (sido), do conquistado ou do feito e lançando-se, projetando-se no que virá e será. Enfim, separando-se do certo e do seguro (do feito, do dado na e pela conquista) e lançando-se no incerto, no inseguro, que é o por-vir, a saber, o que será, *se vier a ser feito!* Sim, é sobre *si* mesmo que a pedra lançada – a decisão, na qual volta, re-volta ou re-torna sempre o saber radical, do qual a decisão é confirmação e pro-moção – assim, pois, é sobre *si* mesmo que a pedra realmente sempre cai de volta ...!

E isso, para o espírito do peso, é motivo para não fazer, não agir, mas para aquele que é inimigo figadal do espírito do peso e que é segundo o “modo de ser de pássaro (*Vogel-Art*)” (Za/ZA III, “Do Espírito do Peso”), que é o que se lança, leve, alegre, decidido na ação inútil e necessária – para este, pode ser que este voltar sobre si da pedra lançada seja o grande aguilhão, mesmo o grande prazer, a grande satisfação, a grande alegria. Alegria de pássaro ...

O texto continua:

[7] *Calou-se, então, o anão; e longamente. Mas seu silêncio oprimiame; a dois, em tais circunstâncias, estamos realmente mais sós do que sozinhos.*

Eu subia, subia, sonhava, pensava – mas tudo me oprimia. Era como um doente prostrado por seu atroz suplício e que um sonho ainda mais atroz desperta novamente do sono.

Mas há uma coisa, em mim, a qual chamo coragem; e ela, até agora, sempre matou em mim todo o desânimo. Essa coragem mandou-me, finalmente, parar e falar: ‘Anão! Ou tu ou eu!’ (ZA/ZA III, “Da Visão e do Enigma”, § 1).

Grande e pesado se faz o silêncio, que se abre, quando o anão, o espírito do peso, se cala. Pesa, oprime, pois é no silêncio que mais fundamentalmente repercute a fala, o dito do anão. Como em toda linguagem essencial, sobretudo no silêncio tal fala se faz ver-

bo, dizer, mostrar. Neste silêncio ecoa, ressoa e ganha corpo não só a fala sussurrada, ciciada do anão, mas também o caminho do mais solitário, a escalada do percurso, da estória de dor.

E é justamente aí, no silêncio e desde o silêncio, que mais se evidenciará a distância entre o *tipo* da determinação de perfazimento e de escalada do caminho da dor (o mais só!) e o *tipo* que dissuade disso, que puxa para trás e para baixo, que busca entorpecer, paralisar – imobilizar tudo no tecido, no enredado meloso, grudento da teia da aranha. “Aranha” é outra materialização, outra cunhagem plástica para evidenciar a estrutura, a forma anão ou espírito do peso. Lembremos que, na dissuasão, no entorpecimento, o espírito do peso, na verdade, fala de uma *tendência* à compaixão, à auto-compaixão, visando *poupar, economizar* vida.

E é porque aí, no silêncio que se cava quando o anão se cala, mais se evidencia a natureza e a distância destas duas dimensões vitais – por isso, é dito que, “em tais circunstâncias, a dois, estamos realmente mais sós do que sozinhos”.

Seguindo o caminho do mais só, ele sente-se um “doente prostrado”. Mas ele é realmente um doente – ele sofre, ele carrega a doença-homem e assim ele é o destino (estória, devir) do homem doente do homem. Lembremos: a doença que é a exasperação da dor na revolta, na insurreição contra a dor e, a partir daí, na reivindicação de infinito e de substância. Neste caminho do mais só, este homem que percorre, que *quer* percorrer todo o caminho de dor (da doença-homem) é também e principalmente um ou o *convalescente* dessa doença⁴. Ele, aqui, agora, aparece, sente-se como que “prostrado”, quer dizer, jogado, todo à mercê da doença, que o ameaça de puxar de volta em re-caída. O espírito do peso quer isso, alimenta isso, na mesma medida em que ele, a saber, aquele que quer percorrer todo o caminho, se empenha por subir, subir, auto-superar-se ou autotranscender-se, à busca de ar, de luz, de vida – de *saúde*. Nessa trajetória, ele é também o *tipo da grande saúde*,

que é a que se dá e se faz na linha de tensão, no limiar, que é esta convalescença, uma vez que esta “grande saúde”, a convalescença, é um balanço, um jogo e um risco, à medida que é a própria saúde que, *decididamente*, a cada passo, *cede*, abre mão dela própria em favor de queda, de re-caída, melhor, de uma certa *ingenuidade* e de uma certa *fraqueza*, de uma certa *fragilidade*, para não ficar *forte demais*, isto é, toda calo, embotamento, indiferença, apatia.

E o espírito do peso, com sua fala sussurrada e conspiradora contra a vida, como que o arranca do atroz suplício, que é, ao mesmo tempo, a dor e o esforço de escalada e de conquista na e desde a doença, para lançá-lo num suplício ainda mais atroz, qual seja, o convencimento, por parte do espírito do peso, da inutilidade, do em vão dessa caminhada, desta ascensão ou escalada⁵. Enfim, o suplício maior, que é ser arrastado para e pela autocomiseração.

Aqui, agora, irrompe algo que marca, que define de vez os caminhos e que levará Zaratustra a estabelecer uma enfática e final disjunção, separação: “Anão! *Ou tu ou eu!*”

A disjunção é radical, o abismo é insondável e intransponível. Quem põe isso e abre tal abismo é a *coragem* – *Mut. Mut.*, dizendo coragem, diz sobretudo o *ânimo*, a força ou o poder do ânimo, isto é, vitalidade, *thymós*, uma espécie de prometéica alegria na e da ação e que se faz como determinação de *crescer*, quer dizer, intensificar-se, *iluminar-se*, sim, *evidenciar-se*, irromper, ou seja, em si, desde si abrir-se, impor-se, aparecer, vir à luz — a *v i d a*, que Nietzsche denominou também *Wille zur Macht* (vontade de poder), isto é, movimento espontâneo ou gratuito (= *Wille*, vontade) *para, em direção à (zur) luz*, isto é, ao aparecer e assim impor-se (*Macht*, poder). Enfim, a experiência que diz: ser-aparecer. Isto é, sim, *crescer*. Não como aumentar de tamanho, engordar, agigantar-se e somar-se, mas como, já dito, intensificação, *tônus*, tensão vital, *concentração*, *compactação*. Evidencia-se, assim, que este crescer, por

não ser engorda flácida, não é ilimitada ou infinitamente para cima, para o alto, mas inclui, de maneira essencial, uma extraordinária capacidade de agüentar, de suportar, de resistir. É o subir, o crescer, que sobe, que cresce, à medida que se sustenta, que se suporta, tal como o pássaro em seu vôo, isto é, a cada segundo resistindo, suportando, *c o n q u i s t a n d o* seu próprio vôo.

Esta coragem, este ânimo de crescimento-suportação-conquista é, em última instância, por nada, para nada, ou seja, por causa de nada ou *graças a nada*, portanto, *pura graça!* Com outras palavras, é *gratuito*, próprio da vida, que é igualmente gratuita, quer dizer, sobra, doação, superabundância, uma vez que irrupção súbita, abissal – “Pura emergência, pura transcendência”, diz incisiva e limpidamente um verso de Rilke⁶.

É a irrupção gratuita e irrevogável desse ânimo que “mata”, que “açoitá mortalmente” (*totschlägt*) no mais solitário todo *des-ânimo* (*Unmut*), quer dizer, toda tentação, toda sedução do lerdo, do inerte, da desistência abúlica e resignada, por fim, de todo não fazer ou não agir apático, indiferente e mórbido, pois sussurra o espírito do peso, do des-ânimo: “Tudo é em vão, inútil, uma vez que toda pedra arremessada *precisa* – cair! Tudo que sobe – desce! Ora, para que, por que fazer?!...”

Não. A coragem, a vitalidade, a gratuidade da alegria dessa força que irrompe, põe definitivamente a disjunção, ou seja, a radical intransigência, que define a separação dos caminhos: “Anão! *Ou tu ou eu!*” O anão, o espírito do peso, é desafiado para uma luta franca, aberta. E com isso fica marcado o “espírito” do diálogo, que se desenrolará em 2, entre Zaratustra e o anão, sob o pórtico denominado *Instante*.

Mas o § 1 ainda dá um contorno mais definido à coragem. Ele encaminha-se para o seu desfecho, caracterizando-a ou descrevendo-a mais precisamente. Vejamos:

[8] *É que a coragem é o melhor matador – a coragem que ataca; porque em todo ataque há um toque de clarim.*

O homem, porém, é o animal mais corajoso: por isso superou todos os animais. Ao toque do clarim, superou, também, cada, toda dor; mas a dor-homem é a dor mais profunda.

A coragem mata, também, a vertigem ante os abismos; e onde o homem não estaria ante abismos? O próprio ver – não é ver abismos?

A coragem é o melhor matador: a coragem mata, ainda, a compaixão. Mas a compaixão é o abismo mais profundo: quanto mais fundo olha o homem dentro da vida, tanto mais fundo olha, também, dentro da dor.

Mas a coragem é o melhor matador, a coragem que ataca; mata, ainda, a morte, porque diz: ‘Era isso, a vida? Pois muito bem, mais uma vez!’ (Za/ZA III, “Da Visão e do Enigma”).

A coragem, o ânimo (*Mut*), que ataca, que agride, isto é, o movimento da vida para a vida que é, como o grande guerreiro na grande luta, direto, limpo, de *coração* limpo, franco e não subterrâneo, esquivo, sinuoso, sub-reptício, tal como o anão, o espírito do peso, que, confirmando tudo isso, ainda fala sussurrado, cochichado e meloso, *dissimulado*, à Capitu ...

Não, no jogo, melhor, na luta da vida, o ânimo, a vitalidade é agressivamente direta, cara a cara, franca – *isso é o seu toque de clarim*, a sua *espora*, quer dizer, o instigador, o impulsionador, que perfaz o próprio crescimento, elevação ou intensificação, falando, mostrando limpa e francamente o que é, o que quer, como é e como quer. É, sim, uma *fórmula de felicidade*: “Um sim, um não, uma linha reta, uma meta!” Atitude, postura de aristocrata, de *nobre*.

É desse modo que este ânimo, esta disposição é “o melhor matador” (*Totschläger*), açoitador, quer dizer, *superador*, atravessador ou ultra-passador de obstáculos, de resistências. Aquele que luta, se mede, se confronta e assim supera o adversário. É o tipo

implacável na luta, na guerra – no grande combate. No grande combate, que é aquele em torno da questão da vida!, o *grande* é também a franqueza, a limpeza, peito e coração abertos, expostos.

O homem é o animal, isto é, o vivo ou o vivente *mais* corajoso, *mais* animado. O “mais” diz mais *intenso*, mais *e v i d e n t e*. Tão evidente e tão intenso que se faz *o* evidente, *o* intenso, ou seja, o homem é o *único* para o qual o ânimo, *este* ânimo ou esta vitalidade é tal ânimo ou tal vitalidade, quer dizer, o único para o qual este ânimo aparece, se mostra e se impõe como tal. Em outras palavras, de tal modo o *mais* corajoso, o *mais* animado, que *só* o homem é na e desde a determinação e necessidade, ou seja, no destino ou no envio, da própria vida, da própria imposição de vir a ser como crescer e estória, isto é, como devir, acontecer, suceder ou dar-se de ânimo.

É assim e por isso, igualmente, que ele, o homem, já “*superou* todo animal”. “Superar”, *überwinden*, diz ultrapassar, isto é, passar para além, onde *além* aponta para *essência*, um modo fundamental de ser ou uma consistência própria. Portanto, graças ao mais corajoso, o homem já passou para outra instância, para outro grau de tensão, outro nível de vitalidade, outra e extrema dimensão da própria vida e, por isso, também já superou toda, cada dor, isto é, já ultrapassou, transfigurando ou transformando, sobretudo e principalmente a maior, a mais profunda dor, quer dizer, a *única* que de fato e realmente é plena e inteiramente dor, a saber, o homem, a dor-homem, “*der Menschen-Schmerz*”.

A dor do homem, melhor, a dor-homem é a dor que o homem é; a dor que faz do homem homem e que é a dor que é a necessidade do esforço, por parte do homem, para ele vir a ser homem – isso, sobretudo *isso* é ser *corajoso!* –, para *fazer homem*, pois homem não é nada feito ou dado, ou seja, não é coisa, não é pedra, não é *mero* animal – gato ou lagartixa; não é *mero* vegetal – couve-flor ou cenoura! Pedra, vegetal, animal – tudo isso adjetivado pelo

mero, já está pronto, feito, dado e acabado *sem precisar de nenhum esforço próprio*, sem precisar de *nenhum empenho (coragem!) próprio* para vir a ser o que é. Assim, mineral, vegetal e animal também não estão no risco de poder e tender a cair na tentação de renúncia e de abandono *dessa* dor, à medida que poderiam se fazer reivindicadores de infinito e de substância. Portanto, sem o risco de reclamarem para si o direito de *precisar e dever ser* o que por constituição e princípio *não podem ser*. Isso, tal reivindicação, que é próprio do espírito de vingança, no homem doente do homem, se faz dor ainda maior.

Tudo que não *tem*, que não *é* dor, a dor-homem, não tem e não *é estória (Geschichte)*, quer dizer, devir, acontecer. Só o homem *é*, sim, a dor, que é o finito, o limitado – também a tentação e o risco do infinito e do ilimitado – quer dizer, o *precisar ser esforço*, trabalho. Só ele precisa fazer vida, fazer homem. Precisa, desde ânimo, fazer ânimo vir a ser ânimo. Esta é a mais profunda, quer dizer, a única real e verdadeiramente dor. Isso *é ser essencialmente* dor. Por isso, graças a isso *é* o homem constitutivamente estória, devir. Sua *substância* *é* estória – logo, substância nenhuma. *É* preciso ouvir toda esta fala de dor sem patetismo, sem melodramatismo, sem choramingação ou lamúria e, igualmente, sem heroísmo, sem voluntarismo, sem bazófia. *É* preciso ouvir isso fria ou, talvez, desde o olhar-ouvir de Heráclito, que *é* incandescente, quer dizer, intenso, para dentro e gelado, quer dizer, intransigente, implacável, para fora.

Desde o ânimo, animada ou corajosamente, ou seja, lançando-se naquilo em que está lançado (!), a saber, na necessidade do devir de ânimo no jogo de auto-superação da vida – assim, pois, o homem já *superou* também toda e cada dor, toda e cada hora ou vicissitude do viver, uma vez que *em cada uma dessas se dá t o d o o viver*, isto *é, toda a dor-homem*. Em cada uma, em cada passo, celebra-se, festeja-se a alegria e a inutilidade da ação necessária, da

ação transbordante, superabundante – a alegria, a graça e a jovialidade da ação prometéica. A ação, a atividade ou o *fazer*, que aparece exemplarmente na obra de arte. E, então: “Era *i s s o* a vida?” *Wohlan! Hélas! Evoé!*, “De novo! Mais uma vez!” Assim o partícipe, o portador da dor-homem chama, evoca, aquiesce na divindade da fatura, da superabundância – Dioniso. Conclama-a e lança-se inútil e necessariamente – *i s s o* é a vida. Gratuita. Crescer e aparecer, quer dizer, *ser* – sem sentido, sem porquê, sem para quê, sem ‘de onde’, sem ‘para onde’. Inutilmente. Necessária, irrevogavelmente. Para nada. Por nada. Graças a – nada! *I s s o* é a vida. Mais uma vez! De novo! Abissal.

Assim, nessa via, também a morte é superada. *Superada*, quer dizer, *incorporada*, *apropriada* no devir alegre e não expulsa, excluída, jogada fora ou de lado. Ela é incorporada na dinâmica de auto-superação, à medida que nela e por ela é apropriada, isto é, tornada própria ou um e o mesmo com o movimento de auto-ultrapassamento e crescimento-intensificação. Superada, portanto, à medida que é incorporada e apropriada no jogo de essencialização da vida.

Nesse caminho, no percurso do ânimo, todo abismo é igualmente superado. Isso quer dizer: o ânimo inútil, à medida que aquiesce no abismo, isto é, no dom, na doação, dele igualmente se apropria ou o faz próprio, transfigurando-o na e desde a ação inútil (e necessária!), tornando-o, assim, graciosa superfície, gracioso limiar, onde pulsam todo o raso e todo o insondável ou profundo da vida, do próprio ânimo. Assim e por tudo isso, o abismo é transposto e transfigurado, uma vez que incorporado e consubstancializado na disposição da ação gratuita – alegre, jovial. Aqui se tem aquilo que cresce, se intensifica e, nesse sentido, sobe, se eleva, não chocha e flacidamente, como o que engorda e se agiganta no tamanho, mas, sim, o que cresce e se eleva como vôo de pássaro, ou seja, suportando, resistindo, atravessando, enfim, *conquistando* sempre,

a cada segundo, o seu próprio vôo, o seu crescimento lento, contido, sereno — o parado-tenso de uma Natureza Morta, de um “*Stil-leben*” ... Desde nada, para nada ... Inutilmente ... Necessariamente... *I s s o*, sim, é a vida!

Pois, “o próprio ver não é – ver abismo?”. “Ver”, aqui, está falando de um mostrar-se ou de um revelar-se que se faz ao longo de um caminho, isto é, percorrendo, fazendo ou abrindo o caminho, que é o próprio ver ou fazer-se visível. No caso, trata-se do mostrar-se ou revelar-se da vida em toda a sua *abissal evidência*. A evidência do abismo se dá quando este se faz toda superfície. E ele se faz toda superfície quando não mais se precisa sondá-lo, perscrutá-lo, isto é, infinita ou ilimitadamente a-pro-fundá-lo. *Agora*, sim, o abismo é guardado, resguardado *como* abismo, o sem-fundo vem à tona como sem-fundo. Em outros termos, o abismo se faz superfície e ver é ver abismo como celebração de profundo no raso, como festa, alegria e aquiescência do raso *no* e *do* abissal. *Aqui, agora*, pode-se dizer com autoridade, *cheio*: “Cume e abismo – isto *agora* está reunido em um!” (Za/ZA III, “O Viandante”). *Agora*, isto é, em tal caminho, sim, a cada passo, em cada gesto, em todo e cada dizer, se está e se é frente, à beira de abismo, *desse* abismo. E como não seria?! “Onde não estaria o homem à beira de abismo?!” *Isto é*, onde e quando não seria, não *precisaria* ser o homem na vida, desde a vida, ou seja, no e desde o ânimo, a coragem que, desde nada, para nada, cresce, eleva-se – supera-se, auto-supera-se?!

A coragem, o ânimo é que supera, que ultrapassa a compaixão. A compaixão que, é dito, “é o mais profundo abismo”.

A compaixão, vimos, é compaixão ou apiedamento da vida pela vida. Portanto, autocompaixão, autocomiseração, que, em última instância, é o que promove o espírito do peso, o anão. É a tentativa de afastar da vida o seu caráter, sim, de *peso*, ou seja, de esforço, de realização, de auto-realização e conquista. Em suma, a tentativa

de *desviar* vida de vida, à medida que solapa, que corrompe, que dissuade astuciosa e subterraneamente o ânimo, em conspirando contra ele.

Por um lado, justo porque esta compaixão é tentativa de desviar vida de vida – justo por isso, nessa auto-compaixão, é a compaixão o maior, o mais profundo abismo. Parece mesmo que esta compaixão sempre volta, sempre retorna e constitui-se no mal, no *demônio* que, dizendo sempre *não!*, precisa ser sempre superado. E aí entra a coragem, a alegria prometéica da ação gratuita e inútil, que supera também a compaixão, ou seja, olha mais fundo na vida, mais fundo na dor, no abissal da dor e, fria, serenamente, proclama: “Era *isso* a vida? Pois muito bem! Mais uma vez! De novo!”

Mas há ainda um outro lado, *positivo* para a compaixão, em razão do qual é ela o mais profundo abismo. “Tanto mais fundo o homem olha na vida, tanto mais fundo olha ele também na dor”. Por isso, é preciso *com-padecer* com vida, isto é, com-sentir e assim com-fazer e com-crescer na e com a dor, que mais e mais se evidencia, tanto mais fundo se vê, se faz o caminho-vida, pois, então, tanto mais se vê, se faz o caminho-dor – a via, o envio, o destino-dor, como estória (suceder, acontecer, *Geschichte*), devir do homem. É, portanto, só nessa com-paixão, nesse com-sentir e com-fazer, que o abismo se faz realmente abismo e, por isso, revela-se esta compaixão como o mais profundo abismo. E o ânimo supera também esta compaixão, primeiro, à medida que *consente*, isto é, *aquiesce*, acolhe o necessário do abismo, o necessário de dor e, segundo, igualmente supera à medida que, na alegria da ação gratuita, transforma, trans-figura dor, o abissal, em obra, que é a superfície, a alegria do raso. O grego, dizia já o *jovem* Nietzsche, de *O Nascimento da Tragédia*, viu, conheceu e acolheu o mais terrível, o mais medonho, o mais abissal da vida e transformou ou transfigurou esta dor em obra – a tragédia e a filosofia, a arte e o pensamento, onde se

fazem o riso do fundo, do pro-fundo... Com-paixão, assim, passa a ser a única sintonia, o único compassamento com vida e, por isso, o ajustamento e a consonância com o mais profundo abismo.

9. Este § 1, de *Da Visão e do Enigma*, fecha-se assim:

Nessas máximas, porém, há muitos toques de clarim. Quem tem ouvidos, que ouça. –

“Nessas máximas”, mais próxima e imediatamente, quer dizer: em toda essa fala, em todos estes “enunciados” a respeito de coragem, de superação e de auto-superação de dor e de compaixão, em tudo isso que leva a afirmar e reafirmar a vida de modo incondicional – “Era isso a vida? Pois bem! Mais uma vez! De novo!”. Em tudo isso, diz o texto, há “*viel klingendes Spiel*”, segundo a tradução, “muitos toques de clarim”. *Klingendes Spiel*, ao pé da letra, diz “jogo sonante, sonoro” – digamos, “com música”! O sentido é que, em tal fala, há como que *uma música*, que *claramente* chama, que *francamente* convida, que *limpamente* atrai, “seduz”. É a força retórica, persuasiva, dessa fala. Um jogo, uma fala anunciadora, prenunciadora – que indica, acena, aponta. Quem tem olhos, que veja! Quem tem ouvidos, que ouça!

Pouco acima, já foi dito e comentamos que, em todo ataque, em toda arremetida, à medida que seja realmente da vida, do ânimo, há um *klingendes Spiel*, um “toque de clarim”. É isso que agora é recordado. É esta *música*, esta franqueza que torna o discurso, a fala *verdadeira*, isto é, consonante, afinada, ajustada ou compassada com a vida, com o jogo da vida, que é estória, dinâmica de auto-superação.

E: “Quem tem ouvidos, que ouça”. É um convite, que mais soa como uma intimação, uma convocação, que é a passagem para o § 2. Esta convocação está dizendo: quem, até aqui, fez, co-fez o

caminho e que assim e por isso é capaz de *ver, de pensar* – isso é o *ouvir!* –, que continue o caminho, que seja companheiro dessa viagem que segue, que segue... E “seguir”, aqui, diz, tal como vida, crescer, intensificar-se, concentrar-se, enfim, *evidenciar-se*.

Abstract: The essay is a reading from *The vision and the enigma*, in *Thus spoke Zarathustra*, part III. It works upon the destiny (history) of the man (Zarathustra) as a destiny (history) of pain – the pain that life is while it is limit, finitude, however, the ultimate pain is that of the rebellion of pain against pain, this is, the history of man sick of himself (the West, Europe), of the spirit of revenge – the greek-christian humanism in its persisting claim for the infinite, the ilimited, for eternity, substanciality (God). Movement of *hybris*, wrath, melancholy. The surpassing of man and the assuming of pain, limit, finitude.

Keywords: Man – life – pain – rebellion – spirit of revenge

Notas

- ¹ As citações de *Da visão e do enigma* serão feitas sempre na tradução de Mário da Silva, em *Assim Falava Zaratustra* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981). Alterações, modificações, acréscimos ocorrerão, segundo o interesse do comentário, da interpretação, pretendendo, porém, ir sempre ao encontro do interesse próprio do próprio texto.
- ² Cf. Descartes, R., *Meditações Metafísicas*, primeira meditação, final.

- ³ Esta é uma das caracterizações da origem do anão, na mitologia nórdica!
- ⁴ Ver em *Assim Falava Zaratustra*, Parte III, o discurso intitulado *O Convalescente*.
- ⁵ Aqui mais se evidencia o paralelo que apontamos acima, em 5, com a passagem de Descartes, em *Meditações*, I, final.
- ⁶ Cf. Rilke, R.M., *Sonetos a Orfeu*, I, 1.